

Experiências de mobilidade acadêmica internacional: flertes do antes e o mergulho do durante

Experiences of international academic mobility: flirting with before, diving during

Leonidas Roberto Taschetto¹

Gabriel Celestino Rosa²

Viviane de Brum da Silveira³

Bruna Carolina dos Santos⁴

Resumo: Abordamos neste ensaio experiências de mobilidade acadêmica internacional de quatro jovens estudantes de uma universidade comunitária do sul do Brasil. Os objetivos aqui pretendidos resultam de problematizações que assumem a forma das seguintes questões: Que motivações os levaram a estudar no exterior e como significaram essas experiências? Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, de natureza qualitativa, realizada através de entrevistas, considerando-se os flertes do antes da viagem e o mergulho do durante. Para as análises, servimo-nos do referencial teórico-metodológico da *Grounded-Theory*. As experiências mostraram-se marcadas por questões sensíveis que envolvem desejo, sonhos, determinação, medos e solidão. Evidenciamos a relevância das relações interpessoais na superação de momentos difíceis experienciados durante o intercâmbio.

Palavras-chave: Mobilidade Acadêmica Internacional; Estudantes de Graduação; Experiência; Intercâmbio.

Abstract: We discuss in this essay experiences of international academic mobility of four young students from a community university in southern Brazil. The objectives sought here are the result of questions that take the form of the following questions: What motivations led them to study abroad and what did these experiences mean? It is a cut of a larger qualitative research, conducted through interviews, considering the pre-trip flirting and the dive during. For the analysis, we use the theoretical-methodological framework of the *Grounded-Theory*. Experiences have been marked by sensitive issues involving desire, dreams, determination, fears, and loneliness. We show the relevance of interpersonal relationships in overcoming difficult moments experienced during the exchange.

Keywords: International Academic Mobility; Undergraduate Student; Experience; Exchange.

Introdução

A formação acadêmica, profissional e pessoal de um estudante constrói-se de diferentes formas. A percepção de que é necessário dispor de caminhos indiretos para o seu enriquecimento requer que modifiquem a dinâmica de suas rotinas de forma significativa. Tais modificações envolvem a busca por formações complementares à graduação como cursos de extensão, de idiomas, intercâmbios internacionais, oficinas, palestras, atividades extracurriculares e tudo aquilo que possa complementar e produzir, por sua vez, novos sentidos em suas vidas.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle – Canoas, RS. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com período doutoral na Université de Paris 8. E-mail: leontaschetto@yahoo.com.br

² Acadêmico Bolsista Externo CNPq. Graduando do Curso de Psicologia, Universidade La Salle – Canoas, RS. E-mail: gabriel.celestino25@gmail.com

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade La Salle – Canoas, RS. E-mail: vivianebrum.silveira@gmail.com

⁴ Acadêmica Pesquisadora Especial (APE). Graduanda do Curso de Psicologia, Universidade La Salle, Canoas, RS. E-mail: leontaschetto@yahoo.com.br

Uma das experiências que durante a graduação tem ganhado destaque entre os estudantes é a mobilidade acadêmica internacional. Ela envolve diferentes dimensões e aspectos importantes à formação pessoal, acadêmica e profissional de pessoas que a experienciam. Caracteriza-se pela vivência em outro país por um período de tempo que varia, geralmente, entre seis meses e cinco anos, podendo se encurtar ou se estender conforme demandas de natureza financeira, profissional, pessoal. Viver em uma realidade internacional impõe aos sujeitos que se defrontem com experiências diversas, dentre elas o despertar para a construção de independência, o desenvolvimento de competências linguísticas, o estabelecimento de laços interpessoais, a adaptação com os diferentes aspectos da cultura local etc. Neste sentido, estudar no exterior mostra-se como um acontecimento de transição significativa, trazendo consigo uma quantidade considerável de estresse oriundos desses confrontos e adaptações às experiências físicas e psicológicas ainda desconhecidas (CUSHNER; KARIM, 2004). Dentre essas tensões, encontramos o choque de cultura (ADLER, 1985; WARD, BOCHNER, FURNHAM 2001), o choque de aprendizagem ou educação (GU, 2005; YAMAZAKI, 2005) e o choque de linguagem (ÁGAR, 1996). Estudar em um outro país, portanto, é ser atravessado por essa experiência e ir além de simplesmente viver uma formação acadêmica importante. Tal experiência é antes algo da dimensão do sensível que potencializa um saber sempre subjetivo (ROSA; TASCETTO, 2017).

Partindo dessa realidade, nosso foco de investigação foi identificar, delinear, descrever e compreender os processos anteriores que levaram os sujeitos de nossa pesquisa a buscarem a experiência de mobilidade acadêmica como parte importante e integrante de suas trajetórias bem como os elementos significativos das experiências vividas no país de destino.

Percurso metodológico da pesquisa

A técnica que utilizamos para a produção dos dados de nosso estudo foi a entrevista semiestruturada realizada com quatro estudantes de graduação de uma universidade comunitária do sul do Brasil, com idades entre 23 e 28 anos, brancos, do gênero masculino, dois do Curso de Psicologia e dois do Curso de Relações Internacionais. Eles viveram a experiência de mobilidade no período entre 2016 e 2017. A configuração deste perfil específico deu-se única e exclusivamente pela disponibilidade que os sujeitos convidados tiveram para participar da pesquisa⁵. O contato e convite formal foi feito pelo *Centro Internacional e Hospitalidade* (CIH) da universidade, setor responsável pelo processo de seleção e acompanhamento dos intercambistas, via correio eletrônico para todos os estudantes que haviam realizado a mobilidade acadêmica nos últimos 5 anos.

Para a análise, interpretação e organização dos dados produzidos utilizamos os princípios teórico-metodológicos da *Grounded Theory* (GT), criada por Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss (1965; 1967). O pressuposto da GT é de que, ao invés de deduzir hipóteses analisáveis através de teorias já existentes, devemos fazer um movimento em direção e baseado inicialmente nos dados produzidos, ou já existentes,

⁵ Reconhecemos, no entanto, que os resultados atingidos neste estudo possuem limitações de diferentes naturezas, como, por exemplo, a ausência de pessoas de outros gêneros ou, ainda, de estudantes de outros cursos, de outras etnias e de outras universidades.

no sentido de uma abertura para que sentidos outros, novos e/ou ressignificados, emergjam do material que estamos a analisar (CHARMAZ, 2009). A escolha metodológica pela GT levou em consideração essa natureza flexível que, para além de um mero método sistemático, ofertou-nos possibilidades de contemplar a frutuosidade e complexidade das experiências humanas que aqui investigamos através da compreensão de processos que poderiam nos elucidar fenômenos intrincados e, portanto, auxiliar-nos como um território onde reflexões potentes à compreensão dos indivíduos pesquisados pudessem vir à luz (CHARMAZ, 2009).

A análise das entrevistas realizadas com os intercambistas, seguindo os princípios teórico-metodológicos da GT, foi dividida em seis etapas que, por sua vez, permitiram uma profunda interação com o material e a emergência de elaborações sobre o fenômeno das experiências no exterior vivenciadas pelos intercambistas estudados.

Em nossa primeira etapa da análise do *corpus*, realizamos uma exploração visual e auditiva que precedeu a transcrição das entrevistas dos 4 estudantes. Essa etapa foi o primeiro retorno aos dados, sendo necessária para uma maior familiarização com as entrevistas antes de iniciarmos a transcrição⁶. Destacamos que os momentos de transcrição constituíram uma das partes inerentes ao processo analítico, sobretudo porque ocorreu uma interação mais orgânica com os dados, no sentido de ler e reler várias vezes o material, escutando mais de uma vez as gravações. Tal momento edifica-se como um trabalho interpretativo, comportando sempre em sua complexidade uma comunicação que se vale de diferentes planos comunicativos: linguísticos, paralinguísticos, prossêmicos, cinéticos e sociocultural em uma unidade linguística.

Na segunda etapa, recorreremos ao *software Atlas.ti* que, dentre suas especificidades, possui recursos que se encaixam precisamente no processo metodológico da GT. Por intermédio dele, realizamos todas as *codificações* previstas na GT, no intuito de selecionar, aproximar e organizar os enunciados das entrevistas que perscrutassem a questão central do estudo. No entanto, o uso de tal *software* não extingue a interação do pesquisador, pois continua sendo ele quem seleciona e aproxima tudo o que será analisado, cabendo ao software auxiliá-lo na organização sistemática dos movimentos analíticos realizados. Segundo Charmaz (2009), a *codificação inicial* nos ajuda a ver o que nos é conhecido a partir de uma nova perspectiva. Strauss e Corbin (1990) nomeiam esta primeira etapa da análise como *codificação aberta* que, por um lado, significa que o pesquisador permanece aberto aos dados, acolhendo as demandas oriundas dos mesmos, por outro lado, “[...] é aberta no sentido de que esse tipo de codificação visa abrir (*open up*) os dados, a explorar (explicitar) fragmentos de texto para fazer emergir todos os significados possíveis que o texto é capaz de gerar” (TAROZZI, 2011, p. 125). Durante essa primeira codificação, foi possível identificar 339 códigos iniciais (abertos) que correspondiam aos nossos objetivos, ou seja, 339 enunciados que indicavam direções sobre percepções da experiência de intercâmbio foram selecionados livremente, sem qualquer agrupamento temático ou por aproximações.

⁶ A transcrição das entrevistas, com o advento dos softwares de análise qualitativa, é um processo optativo, uma vez que é possível selecionar em arquivos de áudio e vídeo todo o conteúdo analisável, sem a necessidade de torna-lo texto escrito. A escolha por transcrever, partindo de uma tradição utilizada por muito tempo em pesquisas qualitativas, teve por objetivo organizar visualmente aquilo que no processo analítico selecionávamos.

Após o processo de *codificação inicial*, começamos a terceira etapa com a *codificação focalizada*, que corresponde a um momento de interação mais aprofundada com os códigos iniciais identificados no processo anterior. Segundo Charmaz (2009), essa etapa corresponde à segunda fase principal de codificação dos dados. Nesse momento, os 339 códigos identificados anteriormente foram submetidos a um direcionamento seletivo e conceitual com o objetivo de agrupar, sintetizar e explicar esses dados. Levamos em consideração que, somente ao realizar a *codificação focalizada*, foi possível determinar quais eram os códigos iniciais que permitiam uma melhor compreensão analítica potente à categorização dos dados de maneira incisiva e completa (CHARMAZ, 2009). Para Tarozzi (2011, p. 135), “se a codificação aberta fragmentou os dados, distinguiu-os e separou analiticamente, nessa fase começa o processo sintético: buscar linhas de coerência entre os dados”. A partir da *codificação focalizada*, reorganizamos os 339 códigos iniciais em 7 grandes temas que contemplam aspectos pessoais, interacionais e culturais da experiência pessoal dos intercambistas.

A quarta e última etapa de análise dos dados procurou inter-relacionar os sete temas encontrados na etapa anterior através da *codificação axial*. De acordo com Charmaz (2009), essa etapa relaciona os temas emergidos do processo anterior especificando as propriedades e as dimensões dessas relações. Para Strauss e Corbin (1990), é a partir da *codificação axial* que recompomos novamente os dados em um montante coerente, explicando questões de quando, onde, por que, quem, como e com que consequências os fenômenos ocorrem (CHARMAZ, 2009). A importância dessa etapa também se deu em virtude de ser um momento fecundo para a elaboração de uma compreensão maior através da integração dos horizontes apontados no processo de *codificação inicial e focalizada* (CLARKE, 2005). Durante a *codificação axial*, foi possível, portanto, visualizar as possíveis conexões entre os conteúdos encontradas na etapa anterior. Dessas conexões, originaram-se duas grandes categorias, ou movimentos interpretativos que percorreram e demarcaram o antes e o durante da experiência de mobilidade acadêmica internacional. Nesses movimentos emergidos dos dados contemplamos em nossos resultados discussões sobre as motivações intrínsecas no desejo de viver no exterior (os flertes do antes) e as adaptações no processo de inserção em contextos estranhos (o mergulho do durante).

Resultados e discussão

O flerte do antes e as motivações intrínsecas dos estudantes no desejo de viver no exterior

Em nossas análises, foi possível compreender como se construíram as motivações intrínsecas que levaram os quatro estudantes universitários deste estudo a buscarem a mobilidade acadêmica internacional como uma dimensão significativa em suas vidas. Foi no interior desta realidade que construímos uma elaboração teórica a partir dos dados sobre *motivações intrínsecas dos estudantes no desejo de viver no exterior*. Tal construção somente foi factível a partir de nossa profunda interação com os dados produzidos a partir das entrevistas, desde a concepção das questões, até o processo de análise com as *codificações inicial, focalizada, axial e teórica*, sob a ótica dos princípios teórico-metodológicos da GT (CHARMAZ, 2009; STRAUSS; CORBIN, 1990). Seguindo esse percurso, foi possível revelar processos inter-relacionados que sustentam os terrenos onde tal elaboração teórica se edificou.

O caminho para essa elaboração nos proporcionou um aprofundamento sobre as diferentes faces das *motivações intrínsecas* presentes nos discursos dos sujeitos de nossa pesquisa antes de embarcarmos rumo à cidade estrangeira escolhida. Cabe mencionar que a *motivação intrínseca*, conceito já existente, é um fenômeno oriundo do potencial positivo que seres humanos possuem, caracterizando-se como uma base importante para o desenvolvimento, integridade psíquica e ajustamento social (DECI et al., 1991; DECI; RYAN, 1985, 2000; GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004). Segundo Guimarães e Boruchovitch (2004), a *motivação intrínseca* se constitui como uma busca por desafios e novidades que auxiliam na obtenção e no exercício das capacidades pessoais, sendo potencializada quando o envolvimento se faz interessante e envolvente ou, de alguma maneira, promove satisfação. Além disso, é característico do fenômeno que o envolvimento surja de maneira espontânea, partindo do interesse individual, e que seja autotélico, possuindo um fim em si mesma (CSIKSZENTMIHALYI, 1992; GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004). A origem desse conceito tem como base a *Teoria da Autodeterminação* desenvolvida por Deci e colaboradores na década de 1980 (DECI; RYAN, 1985). Os autores concebem o ser humano como um organismo ativo e orientado para o crescimento, desenvolvendo-se em direção ao *self* e integrando-se às estruturas sociais. Segundo Guimarães e Boruchovitch (2004, p. 144), entende-se por *motivação intrínseca* um certo empenho que inclui em si mesmo buscas por experiências que possuem objetivos de “desenvolver habilidades e exercitar capacidades, buscar e obter vínculos sociais e obter um sentido unificado do *self* por meio da integração das experiências intrapsíquicas e interpessoais” (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004, p. 144).

O desejo de viver e conhecer culturas diferentes, com a possibilidade de lançar-se a experiências novas, revelou-se como dimensão central nas *motivações intrínsecas dos intercambistas na escolha por mobilidade acadêmica*. Em nossas análises, esta dimensão surge nas falas dos estudantes como um potencializador primeiro, que antecede o auxílio institucional para a realização da mobilidade, o apoio familiar e das pessoas próximas e a busca por informações sobre os possíveis destinos de forma mais assertiva e concreta.

Seja por enriquecimento de currículo, seja pelo choque cultural imaginado ou pelo sonho de infância, o desejo de viver por um período no exterior se manifesta por intermédio de uma idealização sensível que envolve uma disposição do sujeito para deslocamentos no mundo e no interior da sua própria identidade. Nas palavras de um dos participantes do estudo:

“[...] foi a busca, assim...de achar um lugar que eu pudesse ser independente e me perceber como pessoa, sabe? Então... eu estava meio que um caos e fui me organizando para fazer o intercâmbio. O intercâmbio foi uma meta e fui ajustando os pedaços... assim... para fazer.” (INT01).

Para a *teoria da autodeterminação*, existem três necessidades psicológicas inatas subjacentes à *motivação intrínseca*: a necessidade de autonomia, a necessidade de competência e a necessidade de pertencer ou de estabelecer vínculos. A satisfação dessas três necessidades é essencial para um bom desenvolvimento e uma boa saúde psicológica (DECI et al., 1991; DECI; RYAN, 1985, 2000; GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004) and the factors that contribute for its promotion. In this perspective personality and human motivation are considered in terms of developmental tendencies, innate psychological needs

and contextual variables which favor motivation, social functioning and personal well-being. In the context of educational research, intrinsic motivation has been characterized by students' involvement in learning tasks due to their preference for challenges, persistence, effort, as well as by their use of learning strategies. In line with that, this paper not only presents and analyzes the concepts related to intrinsic motivation according to the Self-determination Theory, but also reflect upon the teacher's role and style in the promotion of students' intrinsic motivation. Educational implications are also discussed. (PsycINFO Database Record (c. Consoante com o excerto mencionado anteriormente, o conceito de autonomia está conectado ao desejo do organismo por uma organização da experiência e do próprio comportamento a fim de integrá-los ao sentido do *self* (GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004). Em outras palavras, a *teoria da autodeterminação* sugere que faz parte do design adaptativo dos seres humanos engajar-se em atividades interessantes, exercitar os vínculos, incluir-se em grupos sociais e integrar experiências intrapsíquicas e interpessoais em uma unidade relativa.

As formas de expressar o desejo de viver no exterior, enunciadas pelos entrevistados de nosso estudo, mostraram-se multifacetadas e particulares, sendo possível interliga-las somente através de um fio condutor subjetivo após profundas imersões nos dados produzidos. São enunciados como “[...] eu tava realmente buscando algo diferente, algo que pudesse ser um desafio maior [...] que tivesse adaptação” (INT02) e “eu me imaginava lá na cidade [...] andando por lá e conhecendo pessoas de outras... de outros países, de outras culturas... isso foi uma coisa que eu não esperava que pudesse acontecer” (INT03) que possibilitaram nossas reflexões sobre o *desejo de viver e conhecer culturas diferentes e ter experiências novas* enunciados nos discursos dos intercambistas entrevistados. Tais enunciados revelam-nos que, no momento de resgate das memórias anteriores à experiência, os desejos são revestidos de um tom imaterial, idealizado, quase onírico, talvez nostálgico. É como se na ânsia de mudarem a direção de suas vidas para o novo, como alguns marinheiros nas épocas das grandes expedições, os sujeitos se lançassem aos ventos com suas velas posicionadas para o desconhecido. Por outro lado, apesar de haver o desejo de mudar as direções de seu próprio destino, há, concomitante a isso, sentimentos inquietantes.

O estresse, os medos, os anseios e a expectativa são instaurados a partir do momento em que a notícia de aprovação de bolsa para mobilidade é recebida. Apesar de o auxílio institucional caracterizar-se como um propulsor dos sonhos construídos, algumas vezes durante anos de uma vida, a concretude de estar próximo de vivências desconhecidas e que fogem à rotina cotidiana pode vir a despertar sentimentos ambíguos nos estudantes. Eles são forçados a gerir e organizar, sob pena de não concretizarem seu desejo de viver e estudar no exterior, desde os aspectos burocráticos de documentações, tais como o visto, o contrato de aluguel e moradia, o passaporte, as contas bancárias (ROSA; SILVEIRA; TASCETTO, 2018), até suas próprias relações e vínculos interpessoais que, em alguns casos, estremece com o anúncio da distância inevitável que se fará no período do intercâmbio.

A dúvida sobre como proceder com as “dimensões da vida que não viajarão junto” (a família, os amigos, o trabalho etc.) invade os pensamentos e demanda momentos de pura introspecção. É sob a necessidade de resolver interrogações consigo mesmo que a materialização da eminente partida se constrói.

Na fala de um dos intercambistas, percebemos essa dimensão da dúvida:

“[...] num certo ponto assim... porque... deram aquela notícia de... eu vou fazer o intercâmbio... eu estava trabalhando, então tive que falar com meu chefe... como é que eu vou fazer agora? Eu vou dar uma pausa ou vou realmente ser demitido? [...]” (INT02).

Em alguns casos, lidar com essas demandas pode fazer com que os estudantes busquem ajuda por vias indiretas, sobretudo no momento em que se dão conta de que, na maioria das vezes, embarcarão sozinhos nessa jornada. São em palavras assustadas, como “*vou ter que viver sozinho, num lugar, não vou conhecer ninguém lá [...]*”, que um dos participantes de nossa pesquisa significou o seu momento pré-viagem. Para ele, “*a terapia na época [...] ajudou bastante!*” (INT01). A expectativa, apesar de, por vezes, ficar em segundo plano, também esteve presente nos discursos dos interlocutores. A presença desse sentimento possibilitou o enfrentamento inevitável das adversidades pré-viagem. É como se uma esperança permanecesse em plano de fundo, ajudando-os a significar positivamente os percalços oriundos do processo de mudança. Nas palavras de dois intercambistas: “*[...] é doloroso no início [...] a questão do nervosismo de não dar certo, mas depois que tu é selecionado é super tranquilo*” (INT02), “*[...] no final dá sempre tudo certo [...]*” (INT03).

Os sentimentos experimentados durante os momentos procedentes à notícia de aprovação de bolsa para intercâmbio inauguram mobilizações por parte dos estudantes de forma materializada sobre o terreno da realidade, ou seja, no momento em que as portas são abertas, é necessário que os estudantes busquem por si os meios pelos quais a experiência no exterior será possível. Nesse ínterim, a opinião e auxílio da família e das pessoas próximas foi um dos conteúdos significativos emergidos dos dados. A família, desde os períodos mais remotos, configura-se como um grupo social influenciador das relações humanas. É nela que, geralmente, os primeiros vínculos ocorrem (BRONFENBRENNER, 1974, 1979, 2004). No entanto, quando falamos em família, é importante considerar outros sistemas, que vão do micro ao macro, e que, de forma direta e indireta, influenciam e são influenciados pelo microsistema familiar.

A desenvolvimento dos indivíduos é um processo complexo que necessita de diferentes forças para que ocorra. O papel da família é fundamental em um tal processo, pois ela auxilia na determinação e organização da personalidade, bem como serve como uma balizadora dos comportamentos individuais com as intervenções educativas que produz (PRATTA; DOS SANTOS, 2007). Nesse sentido, uma das responsabilidades que Shenker e Minayo (2003) descrevem como sendo da família é a de socialização primária de crianças e adolescentes. Partindo dessa perspectiva, é na família que são estabelecidas formas, normas e limites entre as relações geracionais (SIMIONATO-TOZO; BIASOLI-ALVES, 1998). Deste modo, é necessário considerar o que Bronfenbrenner revela sobre a interação dos sistemas ecológicos no desenvolvimento humano. Para o autor, o microsistema familiar é influenciador e influenciado por outros sistemas. Pode-se pensar, com essa reflexão, que os outros sistemas percorridos direta ou indiretamente] pelos membros da família também desempenham papel importante na dinâmica da família. Dentre esses sistemas podemos citar a escola, a universidade, o local de trabalho dos cuidadores, a mídia, a cultura, o governo etc.

A necessidade de um retorno positivo dos membros da família, sobretudo os pais, seja por se

pronunciarem a favor dos sonhos de seus filhos, ou os auxiliarem financeiramente se necessário, foi um dos fenômenos observados nos discursos dos intercambistas entrevistados. Eles utilizaram as palavras “apoio” e “suporte” ao construírem seus enunciados quando questionada a reação da família ao saberem do desejo e da notícia de aprovação para a bolsa de mobilidade. Um dos intercambistas, ao falar de sua mãe, enuncia o seguinte:

“[...] ela é bem apegada a mim, porque éramos só nos dois já faz alguns anos, mas mesmo assim ela me deu bastante suporte [...] ela me apoiou muito mais do que ficou com medo das coisas que poderiam acontecer [...] quando ela identificou que era realmente aquilo que eu queria e tudo mais, então foi um suporte muito bom” (INT02).

Após estabelecerem uma conversa franca com familiares, foi possível dar um passo adiante no processo de concretização do intercâmbio. Dessa forma, as questões financeiras e de orçamento colocam-se, de maneira ainda mais concreta, em primeiro plano na constituição dos planos dos intercambistas. Para um deles, foi necessário “juntar dinheiro para fazer o intercâmbio”, fazendo com que demorasse “um tempo até realmente fazer a inscrição pensando nessa questão financeira” (INT01). Somente após organizar e definir a parte financeira, esse intercambista conseguiu partir para uma outra etapa: “[...] depois que isso tava resolvido, foi uma preparação”. Esses momentos, próprios à preparação da viagem, contemplam desde a organização das informações sobre os possíveis destinos e as prioridades na escolha, até a partida para o exterior.

A escolha por um destino desconhecido pode trazer à tona diferentes dúvidas que, em sua articulação e tentativa de resolução, sustentam uma investigação profunda, cercada por objetivos nem sempre percebidos à primeira vista. É como se, frente ao embarque eminente, os intercambistas se vissem em um instante íntimo, já articulados com as peças necessárias à bolsa e, em parte, já desligados de suas rotinas. Entretanto, há algo de novo por vir! É como se a relação com o tempo fosse sentida enquanto *duração*, na acepção bergsoniana, em que o passado, atualizado pelo presente, vai “roendo” o futuro (BERGSON, 1989).

O tempo em que o futuro era determinado pelos oráculos e deuses se esvanece na modernidade, fazendo com que o peso da individualidade acene insistentemente pela janela. Não haverá fantasmas, como em Hamlet, para nos dizer a trama e o que teremos que escolher! Talvez nem mesmo faça alguma diferença. Ser, ou não ser? Eis a questão! O príncipe da Dinamarca padece em sua incapacidade de encerrar uma questão, Hamlet não se decide.

A necessidade de tomar decisões faz parte da vida humana e, no entanto - talvez por suas consequências desconhecidas - muitas vezes nos cercamos de fragmentos informativos próprios de um processo idealizante. Em outras palavras, o terreno onde a decisão é construída, sobretudo quando diz respeito a um lançar-se no interior dos mistérios de uma experiência nova, requer fluidez e maleabilidade.

Nos primeiros instantes do flerte com a experiência, fazendo um pequeno salto temporal, um dos intercambistas enuncia aquilo que sentiu ao aceitar uma carona com um homem que conhecera no avião:

“Eu fui com esse cara e no que ele foi me levando, assim, que eu fui pra parte de dentro da cidade, eu

tava olhando assim, “meu Deus onde é que eu estou me enfiando”, e aí era bem pra dentro, não era no centro, tipo assim, não passei pelo centro nem nada, não vi [...] nenhuma igreja, assim, nada assim, nenhuma construção nem nada” (INT02).

Não era o homem desconhecido que punha em dúvida o intercambista, mas o desmoronamento de sua própria experiência idealizada construída, o seu desamparo. Sua ambiguidade no emprego dos enunciados “dentro da cidade” e “centro da cidade” revelam que, apesar de quase sinônimos, refletem sentidos quase opostos. Sua viagem com e no desconhecido foi para “dentro”, mas não era de um “centro” que ele experimentava, tampouco deparou-se com alguma de suas imaginadas “construções”, “igrejas” ou alguma outra coisa que, *aparentemente*, fosse constituída de um semblante familiar. Neste sentido, apesar de realizar “uma pesquisa assim com o pessoal, pra saber como é que era” e ir “atrás de grupos de facebook, outras redes também e perguntando pra amigos que já foram” (INT02), poderíamos pensar, grosso modo, que a idealização tenha tido da experiência uma resposta inesperada. Freud (1914), ao complementar o conceito de *ideal do ego*, percebe que, para além de um desejo de reencontro com uma experiência mítica de completude e perfeição narcísica, ele também é uma “[...] defesa contra o reconhecimento do desamparo e da dependência que ameaçam o universo de completude narcísica” (GARCIA, 2007, p. 170).

O conjunto de informações sobre o país, alcançado através de conversas com pessoas que já haviam passado pela experiência, buscas no universo da internet e intuições próprias a essa onda de conteúdo auxiliaram os intercambistas entrevistados a se decidirem quanto ao destino final. O peso do idioma foi uma das questões relevantes no processo. Para o intercambista 04, era importante “fazer o intercâmbio em francês”, enquanto que, nas palavras do intercambista 02, ele “queria [...] aprimorar o [...] inglês”.

Em um estudo realizado com 207 intercambistas no Reino Unido, 18% dos entrevistados tinham preocupações com o desempenho comunicacional que teriam antes mesmo de chegarem ao país de destino e 37% experimentaram desse sentimento após a chegada. As preocupações sobre o que essas desigualdades gerariam levaram uma parte dos estudantes, mesmo aqueles que se percebiam extremamente capazes e adaptáveis, a desenvolver complexos de inferioridade, sobretudo no início de seus estudos (SCHWEISFURTH; GU, 2009).

Além do idioma do país, a segurança foi um dos itens necessários à decisão. Nas palavras de um dos entrevistados:

“[...] tava entre a Argentina e o Chile [...] e meu pai foi visitar Santiago um tempo atrás, e gostou muito da vida lá, e me disse que era muito seguro, e eu já tinha ido pra Buenos Aires e sei que não era tão seguro assim, então, esses prós e contras da vida mesmo” (INT01).

Sobre a égide das idealizações, permeada pelos “prós e contras da vida”, ensaiamos, como fenômeno próprio a esses momentos que “flertam” com o desejo pelo desconhecido, o conceito de *renascimentos*. Compreendemos, neste momento da análise, o início do processo de construção da experiência de mobilidade muito mais como uma disposição dos sujeitos às vivências do desconhecido do que propriamente um processo pragmático no qual as questões subjetivas ficam em segundo plano. Entendemos por *renascimentos* o desejo por viver experiências adaptativas em ambientes e contextos distintos ao conhecido

(e adorado) aconchego do acostumado cotidiano. Tal qual o nascimento do interior do útero materno, onde o bebê encara um ambiente novo, hostil e desconhecido, o qual deve ser explorado de diferentes ângulos, as experiências dos sujeitos deste estudo orientam-se, com certa simetria, por uma necessidade de experimentar brisas, objetos, horizontes e sensações de um novo território real e existencial. É como se, no cotidiano de suas vidas, existisse uma falta, onde a busca pelo novo se justificasse e tornasse possível o investimento em todo o complexo processo de construção das experiências por vir. São nas multifacetadas sensações, sentimentos, desejos e também movimentos pragmáticos que se constituiu, na realidade, o início da experiência de mobilidade. Os intercambistas deste estudo exploraram as formas pelas quais significaram o processo e investimento que tiveram que dispor, percorrendo dos aspectos psíquicos aos físicos, dos individuais às questões contextuais. As ilusões alimentadas anteriormente receberam da realidade uma resposta diferente do esperado. Pode ser que, em se tratando de ilusões, elas sirvam justamente para serem, uma hora ou outra, dissolvidas, dando lugar a outras, e assim por diante. É nesse movimento subjetivo que continuaremos nossa análise, agora aprofundando questões oriundas às experiências vivenciadas no local escolhido e, intimamente, desejado.

A duração da experiência: o *durante* com suas adaptações no processo de inserção em contextos estranhos

Após passar por todo processo seletivo, organizar a “vida que fica” (família, trabalho, amigos etc.) e buscar entender o futuro que os espera, os intercambistas embarcam para seus destinos escolhidos. Santiago do Chile, Riga, Toledo e Quebec, cada um deles com suas peculiaridades culturais, sua arquitetura e geografia, seus horizontes e constelações, seus diferentes climas e, por que não, suas diferentes formas de viver o desconhecido e a solidão na modernidade. O estar sozinho, com seus efeitos e características, foi um dos fenômenos que chamou atenção em nossa análise. Fundamentada nos dados emergidos, a solidão se mostrou como, além de instantes de profunda angústia e inquietação, um processo de adaptação desafiante. Em outras palavras, foi nos inquietantes momentos solitários que os jovens de nosso estudo perceberam a necessidade de se exporem às novas relações e experiências. Tal necessidade pode ser entendida como uma forma de amenizar o desconforto, entretanto, em seu interior, também repousa uma sensação de estranheza e inquietação.

A experiência em contextos internacionais configura-se como um momento de adaptações multifacetadas. Para Schweisferth e Gu (2009), intercambistas experienciam pelo menos dois tipos de transição: a primeira relacionada ao desenvolvimento humano e sua própria maturação, e outra intercultural, por conta das interações próprias ao ambiente educacional diferente em uma cultura e sociedade diferente.

As diferentes dimensões que se apresentam no decorrer da vida que se leva em um lugar estranho, com pessoas estranhas, culturas e hábitos estranhos, demandaram dos sujeitos de nossa pesquisa um movimento adaptativo necessário à sua própria sobrevivência. Por um lado, falar sobre a emergência de um processo adaptativo no contexto internacional é sinalizar a existência de dificuldades subjetivas enfrentadas e superadas pelos intercambistas. Poderíamos, em outra via, argumentar que a escolha por se expor a contextos desconhecidos é realizada voluntariamente e que, por conta disso, falar em dificuldades e na

superação destas seria uma forma de inferir análises forçosas em nossos dados. No entanto, são nos e pelos discursos que fundamentamos a hipótese de que, apesar de haver uma preparação para o intercâmbio, os intercambistas enfrentaram situações, reais e subjetivas, difíceis. Com efeito, é necessário que consigamos distinguir os pesos que formam a balança entre as experiências difíceis e as formas pelas quais os sujeitos encontraram para resistir e, por que não, existir no estranho internacional.

A sustentação dos pilares de nossa análise sugere processos de dificuldades seguidos de adaptação. É como se, apesar das instáveis superfícies percorridas pelos intercambistas, alguma força se mantivesse, ajudando-os a encontrar saídas e atravessar os fantasmas de si e da nova realidade. Reconhecemos, a partir das suas falas, que o desembarque no destino e os primeiros momentos vividos são intensos e assustadores. Experimentar o estresse é inevitável, uma vez que o que esperavam antes de chegarem não corresponde exatamente ao que se mostra quando desembarcam na terra estranha. Um dos sujeitos, ao ser questionado sobre sua chegada, lança uma frase curta, mas não por isso menos significativa: “[...] *cheguei lá muito assustado*” (INT01). Seguindo a mesma direção, outro intercambista revela que “[...] *na primeira noite foi um pouco assustador*” (INT04). O que poderia, no interior da experiência de chegada a um lugar desconhecido, despertar essa sensação terrificante, inquietante, assustadora? Poderia ser uma soma de diversos fatores, como, por exemplo, estar sozinho, desconhecer os caminhos que deverá percorrer, sentir-se desamparado. Pode, no entanto, ser a constatação da experiência idealizada manifestando-se no real. Sob essa perspectiva, encontramos, em um curto texto de Freud, uma reflexão sobre o fenômeno da estranheza, do assustador ou, ainda, com um leve deslocamento em sua tradução do alemão⁷, do inquietante. Para o autor, o efeito inquietante, sem dúvida, se relaciona com o assustador e o terrível, com o que desperta angústia e horror, todavia, é preciso que, para o surgimento do efeito inquietante, haja uma espécie de apagamento entre a fronteira que delimita a fantasia e a realidade, ou seja, quando na experiência “[...] nos vem ao encontro algo real que até então víamos como fantástico” (FREUD, 1976, p. 364).

Os sujeitos de nosso estudo revelam que existe um suporte que os auxilia na superação e continuidade da exploração do novo. Algo próprio ao acaso, que se atravessa nos caminhos, muitas das vezes, solitários por eles trilhados. Mas o que exatamente sustentou os sujeitos nas situações inquietantes e assustadoras, na chegada e durante a experiência no exterior? Para responder essa questão, partimos para o que sucedeu os primeiros momentos após o desembarque no destino.

O estabelecimento dos primeiros vínculos interpessoais mostrou-se, para os sujeitos de nossa pesquisa, como o auxílio central para manutenção e equilíbrio dos sentimentos inquietantes e assustadores da chegada. Aproximar-se de pessoas e sentir-se compreendido, acolhido e querido é a constatação de que, apesar do medo do estranho exterior, algo se revela como familiar e *o homem pode não ser sempre o lobo do homem*. Nesse sentido, a *recepção positiva*, ou ainda o sentir-se bem-vindo, diz respeito aos efeitos próprios à abertura, daqueles que estão lá, para o estranho recém-chegado e vice-versa. No entanto, podemos pensar, sob outra perspectiva, que no mistério, forjado pelo encontro de dois desconhecidos, em lugares estranhos e ao menos um deles sentindo a solidão, repousa um desejo de aproximação e, talvez, uma

⁷ *Das Unheimliche*. Tal termo, traduzido para o português por “O inquietante”, sustenta uma insuficiência em sua tradução. Algumas soluções são adotadas em algumas versões estrangeiras do ensaio de Freud, duas delas do espanhol, oriundas da Biblioteca Nueva, e a da Amorrortu, uma italiana da Boringhieri, uma francesa da Gallimard e a Standard inglesa: *Lo siniestro*, *Lo ominoso*, *Il perturbante*, *L'inquiétante étrangeté*, *The uncanny* (FREUD).

curiosidade. Sob outra perspectiva, Schweisfurth e Gu (2009), descrevem fatores que limitam o potencial intercultural que a experiência poderia proporcionar. Para os autores, os intercambistas podem se isolar em grupos de pares de sua própria cultura, ou semelhantes. Rosa e Taschetto (2017), contextualizam tal fenômeno como oriundo de um fechamento das pessoas locais com os estrangeiros e que o agrupamento entre pares tem como sua principal característica a união de intercambistas de diferentes culturas e que, no entanto, compartilham de uma mesma posição nos contextos onde se inseriram. Tal agrupamento seria uma estratégia ante o sentimento de isolamento.

Estudos revelam que as diferenças culturais desempenham um papel ambivalente nas amizades entre pessoas de diferentes culturas (GARCIA, 2012). Por vezes, são consideradas como fatores limitantes, dificultando o estabelecimento e desenvolvimento de relacionamentos interculturais, como, por exemplo, em casos de conflito entre os diversos conceitos de “amigo” nas diferentes culturas (GAREIS, 2000). Sob outra perspectiva, investigações têm demonstrado como as diferenças culturais podem ser vistas de modo positivo, graças aos fatores da receptividade cultural e da empatia transcultural (KUDO; SIMKIN, 2003).

Nos contos de fadas, os encontros entre desconhecidos geralmente possuem dois desfechos clássicos. No primeiro, o vilão se apresenta com todo seu mistério a algum personagem que, em sua profunda ingenuidade, abre as portas de sua vida para um derradeiro fim. No segundo, acontece a constatação bilateral de que o desconhecido possui algo valioso e, por essa via, os finais felizes se desenrolam. Mas há ainda aqueles encontros passageiros, que deixam suas marcas na memória, surgindo como pontes sólidas no atravessamento de momentos difíceis. São essas figuras de passagem que, cruzando-nos o destino, aparecem, quase que metaforicamente, em meio ao caminho, carregando consigo uma potência geradora de transformações. Se buscarmos na personagem Branca de Neve, percebemos que ela vive, na profundidade de seus encontros e despedidas, essas três dimensões. É no encontro passageiro com o caçador que toda a história pode vir a existir tal como a conhecemos. Com efeito, é também nesse encontro que uma certa imagem transmitida por essa figura simbólica percorre do terror à ternura. A possibilidade de seguir o caminho, consciente dos perigos da vida, é oferecida à personagem pelo caçador. No momento seguinte, em um ápice do desespero, perdida no escuro da floresta, Branca de Neve vê as sombras horripilantes de seus próprios fantasmas (BETTELHEIM, 1997). A construção dessa cena, rica em projeções, pode ser entendida de muitas formas. Tomemos, de antemão, algumas reflexões sobre ela.

A princesa que, no interior da floresta e de si mesma, se vê sozinha e perdida após encontrar o caçador, desmaia em meio as formas aterrorizantes que se manifestam no escuro. A experiência ficcional revela que é no encontro entre os dois seres que o caçador permite à princesa que esta vislumbre seu verdadeiro interior, generoso e sensível. Essa transformação só é possível na medida em que os dois se aproximam em suas existências ou, de forma mais precisa, o caçador só revela sua verdade bondosa no instante em que se vê frente a frente com a verdade da princesa. Talvez o caçador, com sua generosidade, esteja para Branca de Neve como, para os intercambistas, estão os primeiros desconhecidos que atravessam os seus caminhos. Essas pessoas, tal qual o caçador, também estão de passagem e carregam consigo, de certa forma, o signo do mistério. O caçador, apesar de comunicar o perigo que Branca de Neve corre e deixa-la viver, segue o seu

destino, saindo de cena. Além disso, é fundamental que o encontro entre eles ocorra para que haja o curso dos acontecimentos posteriores, ou seja, apesar de curto, o encontro e a abertura que os dois personagens constroem só é possível na medida em que há um desvelamento das máscaras que ambos possuem. Um dos sujeitos entrevistados, ao falar sobre sua abertura para o novo, revela que “[...] antes [...] tinha maior dificuldade de começar contatos com completamente estranhos” e que “lá foi algo que a experiência realmente me fez né, me obrigou a [...] chegar em alguém completamente desconhecido e começar” alguma coisa que nem sabia exatamente no que resultaria. No entanto, continuando a analogia com o conto de Branca de Neve, o terror experienciado, no interior da floresta escura, oferece comprovações para a princesa de que na vida os medos se materializarão novamente, sob diferentes ângulos e formas. É somente no raiar do dia, com a luz clareando e apagando as sombras terríficas, que os míticos anões se encontram com a personagem. Esse movimento de encontros com desconhecidos e momentos de tensão é mantido durante todo o percurso da história. É como se, para sustentar sua realidade angustiante, a personagem acabasse encontrando, nesses seres desconhecidos, momentos de redenção.

Para os intercambistas, a recepção dos estrangeiros ensaia, sob certa perspectiva, o movimento descrito no conto dos irmãos Grimm. Em outras palavras, as experiências da chegada, algumas delas à noite, tal como no interior da floresta escura do conto de fadas, se apresentam como momentos de angústia que se “dissolvem” na medida em que ocorrem encontros com pessoas que acolhem os intercambistas. Um deles, ao falar sobre sua chegada, relata que, apesar de ter estudado o idioma, ficou completamente paralisado, sem conseguir dizer sequer uma palavra. Somente foi possível evocar de seu interior a dimensão da fala quando, cara a cara, deparou-se com a moça que dividiria apartamento com ele na primeira semana. O encontro entre os dois foi tão significativo que o intercambista, ao invés de trocar de apartamento uma semana após chegar, conforme planejado, permaneceu nesse local durante toda sua experiência no exterior. Ainda sob essa perspectiva, um dos intercambistas relata que “[...] a partir do momento que comecei a conhecer pessoas é que aí deu aquele relaxamento daquela situação do começo.” (INT02). A recepção positiva também se mostra como uma apaziguadora do sentimento de estranheza. Neste sentido, reflete um dos sujeitos que “[...] no começo, talvez por [...] vir de um continente diferente [...] achei que [...] ia me sentir estranho, mas no primeiro momento que eu pisei na universidade... “Ah, tu é brasileiro, ah que legal, fala alguma coisa sobre o Brasil?” (INT03).

Nesse deslizamento do assustador à redenção, percebemos os efeitos que as relações, por mais efêmeras que possam ter sido, desempenham durante a experiência de viver no exterior. Tal evidência se estende para além dos momentos de chegada e demarca um território no antes, no durante e, ainda, no depois da experiência. Às relações e tensões entre sujeitos atribuímos uma das potências constituintes das civilizações, sem elas, supomos, talvez não existiríamos (FREUD, 2011).

O processo adaptativo dos intercambistas, no contexto estrangeiro, contempla diferentes aspectos pessoais, interpessoais e culturais. A experiência é marcada por transformações e transmutações em diferentes esferas da vida que abrangem da identidade pessoal de cada um aos detalhes do cotidiano ordinário que, em contextos conhecidos, passariam despercebidos. As crises pessoais e existenciais que se colocam

no caminho ganham a possibilidade de se tornarem motores para uma virada de perspectivas. Encarar o estranho, seja ele sob a máscara das relações, seja pela experiência da cultura, envolve os intercambistas em uma dança com as diferentes existências e, para além disso, evoca, no interior de cada um, a lei do respeito para com as multiplicidades. No entanto, é também por essa via do respeito que os sujeitos de nosso estudo encontraram maneiras de reivindicar, valorizar e compreender suas próprias demandas e desejos e, não menos importante, suas limitações. Um deles, ao evocar suas transformações pessoais, revela que se percebia “[...] *uma pessoa bem fechada [...] às experiências, às coisas novas e lá, por [...] tá sozinho, [...] tinha que fazer as coisas que queria, [...] não podia esperar por ninguém*” (INT01). Para ele, foi essencial ir “[...] *atrás do que [...] queria fazer, das coisas que [...] tinha vontade*” (INT01) e, sobretudo, não deixar de fazer o que desejava por influência de outras pessoas. Essa virada na abertura para novas experiências configura-se como um dos aspectos centrais por eles explicitados. Para um deles, se “[...] *abrir pra novas experiências, [...] foi a mudança mais importante*” (INT01).

As adaptações aos contextos estranhos, às situações inquietantes, às pessoas desconhecidas, e a abertura para novas experiências mobilizou, nos sujeitos pesquisados, transformações necessárias em suas formas de olhar o próprio mundo que os rodeia. Muito além de “[...] *começar a conversar com alguém que tu nunca viu na vida e tu não sabe nada*” (INT02), os sujeitos também experimentaram suas crises, sejam elas interiores ou fundamentadas no real, como possibilidades positivas e de crescimento pessoal. Em um relato emocionado, um dos intercambistas revela um dos episódios cruciais para sua transformação:

“[...] eu fiquei ilhado na cordilheira logo quando eu cheguei [...] eu fiquei três dias preso, sem poder sair da cidade onde eu tava por causa de uma chuva que desmoronou lá um monte de terra e pedra, e no momento eu fiquei muito assustado, porque tu não pode sair da cidade [...] foi uma experiência muito interessante de... eu sei lá... uma coisa meio introspectiva assim... de eu perceber ok, eu não posso sair dessa cidade, mas eu tenho que fazer isso valer a pena de alguma forma [...] rolou muito medo de... de repente morrer lá, sabe? [...] é uma situação que ninguém esperava, então fiquei surpreso na hora, mas depois que passa, tu fica, “nossa eu consegui superar isso de uma forma legal”, sabe? Aproveitar mesmo não podendo sair da cidade, consegui aproveitar bastante e fazer novas amizades até, conversar com muita gente interessante, e sei lá, acho que isso foi muito positivo” (INT01).

Diferente de Branca de Neve, o intercambista não desmaia no ápice de seu terror! Pode ser que este desfecho não tenha se realizado de tal forma por conta dos desconhecidos que, junto a ele, se encontravam ali, compartilhando da mesma situação. No entanto, a imprevisibilidade da vida parece materializar-se na experiência de mobilidade. É como se, ao se expor no estranho exterior, uma espécie de percepção sobre a própria finitude rompesse o véu que a mantém na dimensão do longínquo. Sobre esse aspecto, somos implicados a concordar que os vínculos entre as pessoas, aliados ao conhecimento de si, são universos complementares no processo de atravessamento dos episódios de terror pessoal. Todavia, quando falamos dos vínculos, não pressupomos, de forma alguma, uma entrega completamente cega às relações com o “estranho”, mas, antes de tudo, um convite mútuo para uma dança intersubjetiva. Em outras palavras, é na intencionalidade de compartilhar o que se é que, subjetivamente, convidamos o outro a fazer o mesmo. Nesse compasso, embalados pelos vínculos e o conhecimento de si, os sujeitos puderam perceber, com profundidade, os movimentos de si e do outro. No interior desses movimentos estão “[...] *o respeito às diferenças e as pessoas [...] quanto às religiões, etnias, e tudo assim no geral*” (INT03), o que o intercambista reitera em outro momento:

“Lá era muito comum [...], tinham muitas pessoas muçulmanas, [...] pessoa que não comia carne, ou não comia porco, ou tinha que ser, sei lá, um tipo de carne especial... [...] isso foi algo que eu senti bastante, muitas culturas diferentes. [...] Eu acho que foi o que mudou bastante assim, [...] na percepção [...], e esse respeito [...] por uma diferente cultura, diferente realidade e também como se colocar no lugar daquela pessoa” (INT03).

Muito além de aprender um novo idioma, os sujeitos passam a “[...] *compreender outros povos, outras culturas diferentes, sem julgar*” (INT04). Nas palavras de um deles, “[...] *isso foi uma coisa que mexeu bastante comigo assim também, eu já tinha um pouquinho essa visão até porque eu faço relações internacionais aqui na universidade, mas o intercâmbio abriu completamente minha cabeça, mudou completamente minha vida*”. Outro sujeito complementa dizendo: “[...] *eu acho que depois que tu vai pra lá, tu aprende a aceitar melhor as pessoas, não importa da onde é, não importa de onde vem*” (INT03). Em sua experiência, ele relata que aprendeu com um amigo francês que “[...] *não importa o idioma que nós, que a gente fala, basta que o sorriso seja recíproco*” (INT03). A emergência dessas experiências interculturais corrobora para o surgimento de uma identidade pessoal mais cosmopolita, ou seja, os intercambistas transformam-se em cidadãos do mundo (SCHWEISFURTH; GU, 2004).

Conclusão

Em nosso estudo foi possível identificar as percepções dos quatro intercambistas sobre o antes e o durante de suas experiências no exterior. Poderíamos dizer que, a partir dos dados, a experiência se materializa quando, no atravessamento das subjetividades, há algo que dura em seus interiores mesmo após retornarem. Seria essa a continuação da experiência? Quando ela se encerra, ou ainda, será que se encerra totalmente? Nesse processo, foi possível compreender o antes como momentos constituídos de motivações para a busca do intercâmbio, de percepções sobre o processo de seleção e o momento de vida em que se encontravam à época, buscas por orientações de pessoas que passaram pela experiência do intercâmbio, sentidos atribuídos à imagem que eles possuíam de si antes de viverem no exterior, a forma pela qual a família e os amigos próximos lidaram com a notícia de aprovação, os conhecimentos sobre o destino e os motivos priorizados que levaram à escolha definitiva. Percebemos que foram nas muitos sentimentos, sensações, desejos e movimentos pragmáticos que se constituiu o início da experiência de mobilidade. Os sujeitos evidenciaram suas formas de significação da experiência, referindo para além de suas individualidades psíquicas e físicas, suas percepções contextuais. Sobre as ilusões criadas antes de viajarem, a resposta da realidade se mostra com uma outra face e dissolve aquilo que se espera. A experiência do durante é marcada por questões sensíveis que envolvem determinação desejo e sonho, medos e solidão. Com efeito, foi possível evidenciar a relevância que as relações interpessoais desempenham na superação de momentos difíceis experienciados durante o intercâmbio e as formas pelas quais os intercambistas organizaram-se frente às dificuldades vividas no contexto exterior.

O marco central da experiência, poderíamos dizer, se constitui através das relações interpessoais, com todas as suas dimensões e características vividas subjetivamente pelos sujeitos deste estudo. Da abertura para o novo à constituição de vínculos que passam e que duram, mesmo após o retorno, se constroem os

terrenos daqueles que se expõem ao estranho exterior. No entanto, a imprevisibilidade da vida parece materializar-se na experiência de mobilidade. É como se, ao se expor no estranho exterior, uma espécie de percepção sobre a própria finitude rompesse o véu que a mantém na dimensão do longínquo. Sobre esse aspecto, somos impelidos a concordar que os vínculos entre as pessoas, aliados ao conhecimento de si, são universos complementares no processo de atravessamento dos episódios de dificuldades contextuais e pessoais. Todavia, quando falamos dos vínculos, não pressupomos, de forma alguma, uma entrega completamente cega às relações com o “estranho”, mas, antes de tudo, um convite mútuo para uma dança intersubjetiva. Em outras palavras, é na intencionalidade de compartilhar o que se é que, subjetivamente, convidamos o outro a fazer o mesmo. Compreender melhor os vínculos e amizades interculturais ou internacionais de intercambistas pode nos indicar direções importantes para aproximações entre estudantes de países e culturas diferentes, refletindo em uma melhor cooperação social, cultural e científica transcultural (GARCIA, 2012).

Concluimos que, a partir deste estudo, o caminho que materializa as percepções dos estudantes com maior densidade de dados revelou-se positivo. Neste sentido, fizeram-se presentes, nas falas dos sujeitos, percepções positivas sobre os seus ganhos comunicacionais, seus contatos com novas pessoas e contextos estranhos. Desde essa perspectiva aqui empreendida, nossa direção tendeu aos aspectos subjetivos que a experiência de mobilidade nos sujeitos despertou. Para isso, partimos do pressuposto de que essa experiência não se constitui de uma unidade sólida, mas antes como um conjunto de marcas subjetivas que compõem, de certo modo, um caminho com possíveis transformações para aqueles que nela investem. Por outro lado, um novo horizonte de pesquisa nos foi lançado durante essas análises e carece de maiores investigações. Tal horizonte, diz respeito ao fato de todos os entrevistados, bem como a grande maioria dos intercambistas da instituição pesquisada, retornarem após a vigência de sua experiência. Nos inclinamos a pensar que, à medida em que os sujeitos se vêm confrontados com a possibilidade de mergulhar nessa experiência, e com isso desprender-se das amarras e normas de suas famílias, trabalhos, relações próximas, dentre outros sistemas que transcorrem suas vidas, sua relação com o desconhecido passa para além de insegurança e inquietação para uma nova dimensão tão importante quanto as motivações que os levaram a decidir ir e que, no entanto, parece-nos ainda mais enigmática, a saber: o medo de, na medida em que a experiência se dê, desejar não retornar!

Referências

- ADLER, P. The transitional experience: an alternative view of culture shock. **Journal of Humanistic Psychology**. v. 18, p. 13–23, 1985.
- AGAR, M. **Language shock: Understanding the culture of conversation**. New York: Harper Paperbacks, 1996.
- BERGSON, H. **L'évolution créatrice**. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BRONFENBRENNER, U. Developmental research, public policy, and the ecology of childhood. **Child Development**, v. 45, p. 1–5, 1974.

- BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human: biological perspectives on human development**. New York: SAGE Publications Inc, 2004.
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- CUSHNER, K.; A. KARIM. Study abroad at the university level. In: **Handbook of intercultural training**, ed. D. Landis, J. Bennett, and M. Bennett, 289–308. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2004.
- DECI, E. L. et al. Motivation and Education: The Self-Determination Perspective. **Educational Psychologist**, v. 26, n. 3-4, p. 325–346, 1991.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum Press, 1985.
- DECI, E. L.; RYAN, R. M. The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 37-41, 2000.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, 1976.
- GARCIA, A. Amizades internacionais de universitários brasileiros: um estudo exploratório. **Estudo de Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 313-319, 2012.
- GARCIA, C. A. O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 12, n. 2, p. 169-175, 2007.
- GAREIS, E. Intercultural friendship: five case studies of German students in the USA. **Journal of Intercultural Studies**, v. 21, n. 1, p. 67-91, 2000.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. Discovery of Substantive Theory: A Basic Strategy Underlying Qualitative Research. **American Behavioral Scientist**, v. 8, n. 6, p. 5–12, 1965.
- GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Chicago: Aldine, 1967.
- GU, Q. ‘Enjoy loneliness’ – understanding Chinese learners’ voices. **Humanising Language Teaching** 7, n. 6, 2005. Disponível em: <http://www.hltmag.co.uk>
- GUIMARÃES, S. É. R.; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004.
- KUDO, K.; SIMKIN, K. A. Intercultural friendship formation: the case for Japanese students at an Australian university. **Journal of Intercultural Studies**, v. 24, p. 91-114, 2003.
- OLIVEIRA, T. A. **Experiências de universitários brasileiros em mobilidade Acadêmica: Reflexões sobre cursos e materiais didáticos em língua Inglesa**. São Carlos, São Paulo: EDITORA, 2016
- PRATTA, E. M. M.; DOSSANTOS, M. A. Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247–256, 2007.
- ROSA, G. C.; SILVEIRA, V. DE B. DA; TASCETTO, L. R. A experiência subjetiva da Mobilidade Acadêmica na construção da profissionalidade. **IV Sipase**, 2018.

ROSA, G. C.; TASCETTO, L. R. Mobilidade Acadêmica: um estudo sobre como os intercâmbios significam o modo como são percebidos no contexto exterior. **I Encontro Regional Educação de Qualidade**, 2017.

SHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

SIMIONATO-TOZO, S. M. P.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. **Paidéia**, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1998000100011&lng=pt&tlng=pt>

STRAUSS, A., CORBIN, J. **Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques**. London: SAGE Publications, 1990.

SCHWEISFURTH, M; GU, Q. Exploring the experiences of international students in UK higher education: possibilities and limits of interculturality in university life. **Intercultural Education**, v. 20, n. 5, p. 463-473, 2009.

TAROZZI, M. **O que é a grounded theory: metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Petrópolis: Vozes, 2011.

WARD, C.; BOCHNER, S; FURNHAM, A. **The psychology of culture shock**. 2. ed. Hove: Routledge, 2001.

YAMAZAKI, Y. Learning styles and typologies of cultural differences: A theoretical and empirical comparison. **International Journal of Intercultural Relations**. v. 29, n. 5, p. 21-48, 2005.